



CIÊNCIA E TECNOLOGIA:
IMPLICAÇÕES NO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

FEPEG

F Ó R U M
ENSINO • PESQUISA • EXTENSÃO • GESTÃO

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ISSN: 1806-549X

NOVAS CONFIGURAÇÕES DO MUNDO DO TRABALHO: A CRISE DO SINDICALISMO A PARTIR DE 1990

Autores: VICTÓRIA MATIAS DOS SANTOS E SOUSA;

NOVAS CONFIGURAÇÕES DO MUNDO DO TRABALHO: A CRISE DO SINDICALISMO A PARTIR DE 1990

Introdução

O sindicalismo brasileiro se estruturou enquanto tal ao longo de todo o século XX. À medida que se dava a crescente industrialização do país, avançava também a luta de classes entre os donos dos meios de produção e os donos da força de trabalho. Esse conflito foi moldando, ao longo das diversas conjunturas brasileiras, a classe trabalhadora e, conseqüentemente, a luta sindical no Brasil. A presente comunicação discorrerá sobre os rumos tomados pelo sindicalismo brasileiro a partir da década 1990 até a década de 2000. Buscaremos explorar as dimensões da crise sindical apontada por muitos autores, aprofundando os aspectos concernentes ao nosso país e, em menor medida, os aspectos da conjuntura internacional. Vale ressaltar que nossa pesquisa está em andamento. E que, em seu próximo passo, será dada atenção também para os desdobramentos dessa crise no cenário político brasileiro durante a década de 2000, principalmente no período do governo Lula iniciado a partir de 2003. O objetivo é evidenciar quais fatores contribuíram para o refluxo no movimento sindical no Brasil e quais foram as conseqüências desse refluxo para o sindicalismo brasileiro na década de 2000. Uma das conclusões do nosso trabalho é que dentre os principais fatores que contribuíram para o fenômeno analisado estão a implantação de políticas neoliberais e a reestruturação produtiva (MARCELINO, 2013), (LADOSKY, RAMALHO, RODRIGUES, 2006) que também teve lugar nas últimas décadas. A crise decorrente desses fatores continuou tendo fortes impactos nas cúpulas dos sindicatos e, também, em suas bases, modificando intensamente o cenário da luta política no Brasil.

Material e métodos

Revisão bibliográfica acerca dos principais autores que pesquisaram e analisaram o tema. Tratando-se de uma problemática de cunho teórico, o processo de pesquisa consistiu, sobretudo, na leitura, análise, fichamentos e discursões em torno das obras e artigos científicos de autores como Marcelino (2013), Antunes (2006), Matos (2008), Alves (2006), Boito Jr. (2018), entre outros.

Tendo em vista expor o estado da arte sobre nosso objeto, tratou-se de levantar os pontos centrais, as coincidências e discordâncias nas discursões dos autores frente ao tema.

Além disso e como subsídio teórico para análise dos conceitos, participamos das reuniões de estudo e realizamos fichamentos também de partes da obra *O capital*, de Karl Marx, bem como as seguintes obras: Mark, K., *Manuscritos Econômico-Filosóficos de 1844*; Frederico, C., *O Jovem Marx*; Lukács, G., *O Jovem Marx e outros escritos filosóficos* e Lessa, S., Tonet, I., *Introdução à filosofia de Marx*.

Resultados e discussão

Como aponta Marx, a luta de classes é a força motriz da história (MARX, 1999, p. 7) e, no Brasil, antes da promulgação da Lei Áurea, era o conflito entre os senhores e escravos que configuravam os antagonismos fundantes da sociedade brasileira (MATOS, 2008, p.18).

Uma das primeiras formas oficiais de organização dos trabalhadores brasileiros foram as associações de ajuda mútua (MATOS, 2008, p. 22), local onde as pessoas se organizavam para se auxiliarem mutuamente, já que as condições oferecidas pelos seus ofícios não eram as melhores. Aos poucos essas organizações tomaram um caráter político e começaram a representar os interesses coletivos dos seus associados frente aos patrões e ao poder público.

A partir da década de 1950 até 1963, um ano antes do golpe civil-militar, o sindicalismo entrou novamente em fase de ascensão. Tal crescimento fora barrado, contudo, pela instauração e consolidação do regime militar no Brasil. Durante esse período, os sindicatos se encontravam desmobilizados e os poucos que resistiam estavam atrelados ao Estado.

O movimento sindical brasileiro só reapareceu efetivamente em meados de 1978, já no fim da ditadura civil-militar. A onda grevista, que iniciou intensos anos de luta na história brasileira, surgiu do Sindicato dos Metalúrgicos no ABC Paulista e foi se espalhando e se expandindo durante a década de 1980 e início da década de 1990.

Foi a partir de 1991 que o índice de greves e de sindicalização passou a diminuir gradualmente. Esse refluxo na mobilização sindical brasileira atraiu os olhares de muito estudiosos que se empenharam em tentar compreender as várias facetas desse fenômeno, tanto em escala nacional quanto em escala internacional. Dentre eles estão RODRIGUES (2002), MARCELINO, (2013), BOITO JR. (2018), ANTUNES (2006).

Na década de 1980 o movimento sindical brasileiro encontrou seu ápice. A guerra fria estava quase em seu fim e, no Brasil, a ditadura militar dava seus últimos suspiros. Iniciava-se a fase de ascensão da ideologia e das práticas neoliberais em boa parte do mundo, inclusive no Brasil. Nessa mesma década houve a introdução, em escala mundial, do sistema de organização do trabalho toyotista (PINTO, 2007, p. 55). Essa nova forma de organização da produção capitalista ficou conhecida como reestruturação produtiva. Apenas na década de 1990 que as políticas-econômicas neoliberais começaram a ser implantadas no Brasil, principalmente a partir do governo Collor. Essas duas medidas tiveram efeitos como aumento do desemprego, provocado pelas medidas de flexibilização implantadas no Brasil nos governos neoliberais (LADOSKY; RAMALHO; RODRIGUES, 2006, p. 62), e uma grande mudança na composição da classe trabalhadora (ARAÚJO; OLIVEIRA, 2011, p. 31), mudança essa que afetou negativamente os sindicatos (RODRIGUES, 2002, p. 7).



CIÊNCIA E TECNOLOGIA:
IMPLICAÇÕES NO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

FEPEG

F Ó R U M
ENSINO • PESQUISA • EXTENSÃO • GESTÃO

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ISSN: 1806-549X

Alguns autores ainda acrescentam outros fatores que contribuíram para a crise do sindicalismo, tais como: a globalização, fruto do fim da Guerra Fria e das novas configurações geopolíticas mundiais (NORONHA, 2006, p. 374); a estrutura corporativista dos sindicatos, que limitava o raio de alcance dos próprios sindicatos por estarem em uma relação de subordinação para com o Estado, e as escolhas políticas das lideranças sindicais (MATOS, 2008, p. 147) que iam em direção oposta à sua base.

O fato de o sindicalismo ter entrado em crise é consenso em todos os autores da área, o que diferenciou as posições é se essa crise era algo passageiro ou se indicava um declínio do movimento. Rodrigues (2002) acreditava que o movimento sindical tinha entrado em um declínio irreversível que levaria ao fim das organizações dos trabalhadores. Já outros autores como Marcelino (2013) pensavam que de fato era apenas uma crise provocada pelo contexto em questão.

Santos (2006) ao analisar a crise que estava em curso destacou o fato de que ela possuía novas características que não estavam presentes nas crises anteriores, tais como a mundialização e oligopolização do capital, a ausência de regimes fascistas e a baixa capacidade de incorporação da mão-de-obra. Dessa forma dever-se-ia acrescentar à expressão *crise do sindicalismo* o termo “nova”, pois o contexto que cercava esse refluxo do movimento sindical era bastante diferente dos contextos anteriores.

Considerações finais

Como foi demonstrado anteriormente, o processo de formação da classe trabalhadora no Brasil se deu ao longo de todo o século XX. Esse período foi marcado por diversas oscilações da luta sindical nacional. Na década de 1990, após um período de crescimento do sindicalismo brasileiro, houveram diversas mudanças no mundo do trabalho.

As políticas econômicas neoliberais começaram a ser implantadas no Brasil e, paralelamente, também houve a reorganização do processo produtivo capitalista conhecida como reestruturação produtiva. Esses dois movimentos trouxeram várias transformações para a classe trabalhadora e, conseqüentemente, para os sindicatos. Houve uma fragmentação e mudança no perfil desta classe, foram introduzidas medidas flexibilizadoras que desfavoreceram os trabalhadores e, como consequência dessas medidas, teve-se o crescimento do desemprego.

Baseado nesses fatores surgiu na literatura especializada a expressão *crise do sindicalismo*, que reflete as alterações ocorridas no mundo do trabalho e como essas alterações afetaram negativamente os trabalhadores e as suas organizações. Diminuíram o número de greves anuais, o número de trabalhadores filiados aos sindicatos, o número de militantes e as ações grevistas passaram de ofensivas para defensivas.

Agradecimentos

Agradeço em primeiro lugar à Fapemig que, por intermédio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes) – BIC/UNI, possibilitou ao longo do ano de 2018 que eu me inserisse no universo da pesquisa acadêmica e me desenvolvesse como profissional e como pessoa. Agradeço imensamente a minha professora orientadora Dr^a Zaira Vieira Rodrigues que sempre foi muito atenciosa, prestativa e que sempre levarei comigo em meu coração. Sem a sua ajuda não seria possível todos os avanços intelectuais que tive ao longo desse ano. Agradeço a minha mãe Rosilene Miranda Sousa que sempre lutou muito para que as filhas pudessem ter um futuro melhor. A você dedico incondicionalmente todo o meu amor. Agradeço as minhas irmãs, que amo do fundo do meu coração. Por fim, agradeço a todos que estiveram, direta ou indiretamente, comigo ao longo dessa jornada.

Referências bibliográficas

- ALVES, G. Trabalho e sindicalismo no Brasil dos anos 2000: dilemas da era neoliberal. Riqueza e Miséria do Trabalho no Brasil III. São Paulo: Boitempo, 2006. 461-474 p.
- ARAÚJO, A. M. C.; OLIVEIRA, R. V. O sindicalismo na era Lula: entre paradoxos e novas perspectivas. O sindicalismo na era Lula: paradoxos, perspectivas e olhares. Belo Horizonte: Fino Traço, 2014. 29-59 p.
- BOITO JR., A. Reforma e crise política no Brasil. São Paulo: Editora Unesp, 2018. 183-205 p.
- LADOSKY, M. H. G.; RAMALHO, J. R.; RODRIGUES, I. J. A questão trabalhista e os desafios da ação sindical nos anos 2000. O sindicalismo na era Lula: paradoxos, perspectivas e olhares. Belo Horizonte: Fino Traço, 2014. 61- 85 p.
- MARCELINO, P. Trabalhadores terceirizados e luta sindical. Curitiba: Appris, 2013. 49-117 p.
- MARX, K.; ENGELS, F. O manifesto comunista. São Paulo: Rocket edition, 1999. 7 p.
- MATOS, M. B. Trabalhadores e sindicatos no Brasil. São Paulo: Expressão Popular, 2009. 8-152 p.
- NOGUEIRA, A.J.F.M. As relações de trabalho em uma empresa global. Riqueza e Miséria do Trabalho no Brasil III. São Paulo: Boitempo, 2006. 369-388 p.
- RODRIGUES, L.M. Destino do sindicalismo. São Paulo: Edusp, 2002. 5-15 p.
- SANTOS, A. O. A nova crise do sindicalismo internacional. Riqueza e Miséria do Trabalho no Brasil III. São Paulo: Boitempo, 2006. 447-459 p.